

REPACTUANDO MEMÓRIAS ATRAVÉS DO ARQUIVO: A NARRATIVA DE ALEILTON FONSECA EM “O PÊNDULO DE EUCLIDES”

Tarcísio Fernandes Cordeiro (UFRB)¹

Resumo: O presente estudo apresenta uma análise de aspectos memorialísticos, em interação com a teoria do arquivo, presentes no romance *O pêndulo de Euclides*, publicado, em 2009, pela editora Bertrand Brasil. A obra, do ficcionista baiano Aleilton Fonseca, provoca uma intersecção entre a ficção e o plano histórico, uma vez que o texto de Fonseca retoma passagens d’*Os sertões*, de Euclides da Cunha. Assim, faz-se uso do trato comparatista, nessa abordagem, uma vez que a análise intercala, entre os textos, questões atinentes à literatura, à memória, ao arquivo e à história.

Palavras-chave: Arquivo; Euclides da Cunha; Memórias.


A ficção contemporânea tem dado novos contornos à gesta de acontecimentos pretéritos. Nesse movimento, outras perspectivas são atribuídas a temas até então estabelecidos, vozes silenciadas passam a ocupar a centralidade do plano narrativo e tramas complexas realinham os discursos de outrora. Logo, o paradigma da verdade única e oficial se vê fragilizado frente ao referencial da verossimilhança, de modo que as fronteiras da ficção, cada vez mais dilatadas, abrem espaço, segundo Linda Hutcheon (1991), à metaficção historiográfica.

Nesta guinada, conforme Reinaldo Marques (2015), deve-se atentar para os usos do arquivo, espaço originalmente de legitimação do Estado-nação, que se consolida após a revolução francesa, mas, já na década de 1980, sobretudo com o processo de globalização, passa a ser utilizado por novas perspectivas. Leituras menos lineares começam a surgir, feitas por pesquisadores pautados por olhares transdisciplinares, comparatistas e, sobretudo, dispostos a romper com a tendência a univocidade do arquivo.

No que diz respeito à guerra de Canudos, sabe-se que as ações militares destruíram a comunidade do Belo Monte, denominação utilizada pelos locais, implicando na morte de milhares de camponeses, em fins de 1897, no sertão baiano. Para além do extermínio físico, as autoridades brasileiras impuseram vigorosa campanha para o aniquilamento das memórias relativas ao episódio, estando, inclusive, as ruínas da cidade destruída submersas pelas águas do açude do Cocorobó, obra concluída em 1969.

Em contraponto, no transcorrer do tempo, a ação estatal encontrou inúmeras resistências, de modo que hoje temos uma vasta produção literária e historiográfica que

¹ Professor Adjunto da UFRB e doutorando em Estudos Literários, Pós-Lit / FALE / UFMG. Contato: tarcisiocordeiro@ufrb.edu.br.



trata, sob diversas perspectivas, as causas e os desdobramentos desse massacre. Exemplo desse processo verifica-se no romance *O pêndulo de Euclides*, de Aleilton Fonseca, em que a trama se estabelece a partir de uma questão epistêmica, a saber: Canudos seria uma temática exaurida? Na tentativa de superar a angústia dessa possibilidade, o narrador/pesquisador se lança numa travessia pelos arquivos que alimentam esse enredo. Publicada em 2009, pela Bertrand Brasil, a obra rende homenagens a Euclides da Cunha, autor d'*Os sertões*, em seu centenário de morte.

Para o desenvolvimento dessa apreciação, far-se-á uso da abordagem comparatista uma vez que o diálogo intertextual intercala pesquisa histórica, traços memorialísticos e *ethos* acadêmico. Por sua vez, o enredo converge tais caracteres em favor do arquivo, quer seja enquanto espaço físico de pesquisa (universidade, museu, memorial, sítio arqueológico), quer seja numa abordagem intimista em que as memórias, as confissões, os diálogos e também os sonhos e as utopias são desvelados.


Assim, nessa análise, propõe-se um diálogo entre as temáticas: literatura, memória, arquivo, história, a partir da leitura do romance de Aleilton Fonseca, *O pêndulo de Euclides*. Para tanto, pretende-se problematizar a relação entre tais conceitos, destacando as intersecções da narrativa ficcional com o plano histórico a partir do arquivo, e de seus desdobramentos memorialísticos, em que o texto literário de Euclides da Cunha se transformou. Como estratégia metodológica, optou-se por dividir a exposição argumentativa em três seções, precedidas pela matriz ficcional e acompanhadas de uma discussão teórica a respeito das estratégias utilizada no desenvolvimento da trama.

O palimpsesto d'*Os sertões*

A Guerra de Canudos foi o conflito mais trágico e sangrento do Brasil. Era o que mais se repetia nas palestras do seminário, que reunia professores, estudantes e pesquisadores. A Universidade parecia estar em festa, com gente se acotovelando nos corredores e auditórios. A última conferência concluía o evento com chave de ouro. Eu, atento, nem sempre estava de acordo com o que ouvia.

[...]

O conferencista encerrou suas palavras dizendo em tom de máxima que, mais de cem anos depois, a guerra era um tema exaurido. Nada de novo havia a dizer ou acrescentar. Tudo estava dito, registrado, lido e analisado (FONSECA, 2009, p.13).



A crise epistêmica, de um narrador não nominado, determina o início da trama em *O pêndulo de Euclides*, de Aleilton Fonseca. A inquietude, frente às “certezas” apontadas num evento acadêmico, leva o professor que nos conta a história a se deslocar de Feira de Santana à Canudos com o intuito de coligir material para a escrita de um livro que melhor captasse o olhar do sertanejo sobre os eventos bélicos, dando visibilidade às vozes silenciadas e aos enredos inexplorados.


Assim, a obra em questão dialoga com o *leitmotiv* do arquivo quer seja pela importância de sua constituição enquanto registro da nossa história quer seja pela vontade de o pesquisador encontrar num documento/testemunho, ainda não revelado, material que lance luzes sobre um determinado aspecto ainda obscuro de nosso passado. Mas, como fazê-lo, num contexto de tamanha produção acadêmica/científica como o do conflito que Vargas Llosa denominou como *A guerra do fim do mundo*, sem se perder no emaranhado de documentos e relatos que registram os embates ocorridos nos sertões baianos, em fins do século XIX? Ou ainda, sem se enlaçar na tradição de um enredo cujo arquivo fora, em grande medida, forjado institucionalmente pelo viés das autoridades responsáveis pela destruição do arraial?

O fato é que escrever sobre a guerra de Canudos trata-se de um desafio. Isso se dá, uma vez que o tema vem sendo estudado, no último século, por inúmeros pesquisadores e instituições que dedicam esforços na interpretação dos eventos históricos, assim como na preservação da memória, da obra e da contribuição intelectual, no cenário brasileiro, de Euclides da Cunha.

Logo, falar sobre tal acontecimento e seus personagens se revela complexo na medida em que a produção pode se aproximar da repetição monocórdica, em que fatos já muito conhecidos são alinhados, limitando-se, quando muito, a construção de um painel mais amplo. Ou ainda, a construção de uma narrativa que, ao se situar numa perspectiva muito divergente, incorra na caricatura. De todo modo, persiste a angústia, ao dissertar sobre tema tão estudado, de uma escrita em palimpsesto.

Roberto Ventura, em biografia sobre Euclides da Cunha², faz uso dessa expressão, num capítulo sob o sugestivo título de “Maldição antiga”, para caracterizar a tese segundo a qual a representação de Antônio Conselheiro fora construída a partir dos traumas vivenciados pelo escritor fluminense. Para o biógrafo, questões comuns a ambos, como a

² Essa publicação deve ser lida em sua excepcionalidade, por se tratar de uma obra póstuma e inconclusa.



orfandade, a sexualidade, a traição e a loucura são reinterpretadas como obsessões que adentram a narrativa da campanha de Canudos. Servem de fonte documental, para tal leitura, documentos recolhidos das ruínas de Canudos, como as narrativas populares e as prédicas atribuídas ao Conselheiro analisadas por Euclides. Do mesmo modo, a interpretação de Ventura, sobre a escrita euclidiana, estabelece uma leitura documental, interagindo conceitualmente com os estudos que se valem das tensões entre o campo empírico da história e a produção ficcional (VENTURA, 2003).


Por sua vez, Aleilton Fonseca ao fazer uso, no plano da narrativa, dos arquivos sobre Canudos e sua guerra, desloca o objeto de interesse, do que poderíamos denominar como evidência história, em favor da linguagem literária. Assim, parte-se, na trama, de um espaço legitimador do arquivo, a Universidade, para o campo de investigação direta, de onde se retiram os registros constituintes desse acervo institucional.

No caso do enredo em tela, a personagem protagonista segue acompanhada de dois outros pesquisadores que se deslocam, após o desfecho do evento acadêmico que abre o romance, em direção aos sertões do Belo Monte. Assim, além do narrador, tem-se um poeta e um brasilianista francês que seguem em direção à Canudos. Cada personagem, no trato da diegese, segue sua viagem particular. Em conjunto, porém, metaforizam o fazer acadêmico cada vez mais voltado para construções coletivas de saber e de conhecimento.

Esse coletivo, por sua vez, depara-se, já na Canudos contemporânea, com outra personagem, um nativo, descendente de conselheiristas, que porta, em suas memórias, o saber que se traduz na epifania do enredo. Trata-se, nesse caso, de um encontro de perspectivas narrativas, a partir das formulações de Walter Benjamin (1994), em que a experiência do viajante, marcada pelo olhar etnográfico, capaz de esquadriñar a paisagem em busca do conhecimento, dialoga com a experiência do velho camponês, conhecedor dos segredos de outro tempo, porta-voz da sabedoria de seu lugar.

A esse respeito, a trama apresenta uma ecologia cultural favorável à colaboração de atores sociais díspares. Arcontes, cada um a seu modo, de arquivos distintos. Assim, inclusive pela suspensão da narração autodiegética, em certos capítulos, prevalece a interação colaborativa das personagens. Índícios do que, nas artes pós-modernas, Reinaldo Ladagga (2012) trata como a estética da emergência.

Diga-se ainda, mesmo com a presença de marcas biográficas, que deve-se afastar a possibilidade de uma estética do espelho, pois a narrativa de *O pêndulo de Euclides* faz



do arquivo histórico não um monumento estático, mas, sim, dinâmico, em que se buscam metáforas. Tais pontes metafóricas, entre fato e ficção, “se integram ao texto ficcional sob a forma de uma representação do vivido” (SOUZA, 2002, p. 113).

Em síntese, para além da sobreposição de textos, trata-se do jogo de colagens imagéticas em que personagens históricos, abordados pela narrativa, são reinseridos pela ficção no contexto capaz de decalcar uma nova história de um velho enredo. Isso se dá, pois, uma vez esvanecidas, as imagens, de uma pretensa totalidade histórica, se fragmentam, possibilitando o surgimento de novas trajetórias, o que se dá, especialmente, pela ficção.

Nas trilhas do arquivo: literatura e história


De fato, no dia 3 de outubro, dois dias antes do final da guerra, Euclides da Cunha partiu de Canudos. Sem alarde. Acompanhava-o um guia, que também levava sua bagagem. Na saída, um oficial consultou os papéis e constatou que não havia o termo de entrada desse ajudante no acampamento. Atribuiu isso a possível falha do encarregado do registro. Afinal, valia e bastava a palavra do doutor, que, com firmeza e seriedade, afirmava ser aquele homem seu fiel guia. A seu modo, isso era verdade.

[...]

Na saída, o Dr. Euclides recebeu ordens de ir falar com o comandante. Deixou o sertanejo à sua espera e dirigiu-se à barraca do comando. O oficial, com ar decidido e sem delongas, entregou-lhe um menino de seis anos. Já cuidavam dos despojos da guerra, distribuindo os órfãos aos oficiais e aos soldados como pequenos troféus de guerra. Muda e acuada, a criança tinha os olhos sumidos de medo e o corpo prestes a se desmanchar, entanguido pela doença e pela fome (FONSECA, 2009, p. 145).

A narrativa de Aleilton Fonseca, a certa altura do romance, faz uma releitura da passagem de Euclides da Cunha pelo teatro da guerra de Canudos. Para tanto, o escritor faz uso de uma informação histórica, possivelmente resultante das pesquisas do historiador baiano José Calasans (1986), que encontra uma correspondência, endereçada ao autor d’*Os sertões*. Nessa missiva, fica evidente que o então correspondente de guerra deixara o front levando consigo, a pedido do General Arthur Oscar, para o sul do país, uma criança de aproximadamente seis anos, a quem confia a educação ao amigo e educador paulista Gabriel Prestes, tendo o menino adotado o nome de Ludgero Prestes.

O excerto, neste caso, apresenta um diálogo com a narrativa historiográfica, mas, ao mesmo tempo, serve ao propósito ficcional, na medida em que a cena quadra como um




corta-luz para a passagem da personagem, aparentemente secundária, do guia. Na verdade, um sertanejo que se defronta com o escritor numa peripécia do enredo. Aquele acaba sendo salvo, por este, do cerco final a comunidade do Belo Monte.

Será esse senhor, na versão ficcional um homem simples e relacionado com os valores sertanejos, o responsável por oferecer, ao homem das letras e das ciências, as informações que irão auxiliar na escrita da obra monumental sobre Canudos. Sendo, essa passagem, guardada em segredo pelas partes e apenas transmitida, de pai para filho, por gerações até o instante da revelação, em que novamente a voz da resistência popular se sente segura para interagir com o olhar acadêmico.

Nota-se, nessa passagem, um duplo movimento da ficção em relação ao arquivo. O primeiro de reverência, no sentido que serve de manancial para a construção da narrativa, dando-lhe ares que se aproximam de um plano factual, com a pretensão de legitimá-la enquanto discurso capaz de corresponder a pesquisa documental. Mas, por outro lado, no desenrolar da trama, o arquivo é posto em questão, pois a ficção lança dúvida sobre o possível fazer científico, assim como as fontes utilizadas pela autoria d'*Os sertões*. Paradoxalmente, mimetiza-se e se contesta a narrativa histórica, num influxo em que perspectivas heterogêneas se cruzam. Assim o enredo, apresenta momentos que oscilam entre o “paradigma de legitimação” e o “paradigma do desafio”, para usarmos os termos postulados por Marco Codebò (2010).

Euclides da Cunha, na escrita de sua obra-mestra, assumira o lugar da voz civilizatória, do homem de ciências, que registrava para posterioridade o seu olhar sobre os episódios de Canudos. Convicto da enunciação de uma verdade científica, arrogou-se, ao fim da nota preliminar, a missão de narrador fiel aos fatos, ao afirmar “E tanto quanto o permitir a firmeza do nosso espírito façamos jus ao admirável conceito de Taine sobre o narrador sincero que encara a História como ela merece” (CUNHA, 2016, p. 11). Logo, o escritor se propunha a pintar, com justa palheta, as cenas dos episódios bélicos, sendo-lhe, entretanto, facultado o acesso às belas letras, fator que o delimitava, socialmente, enquanto intelectual.

Porém, sobre a natureza da escrita com fito historiográfico, nos parece oportuno considerar as ponderações que Michel de Certeau (2011) a respeito dessa modalidade narrativa. Para o historiador francês, existem dois planos temporais que são justapostos na tessitura da narração de um evento factual. Isso ocorre dada a diferença entre o tempo



do acontecimento (das coisas) e o tempo de sua representação (discursivo). Por conseguinte, resulta a noção de desdobramento que é próprio da narrativa histórica.

Assim, o discurso de verdade de um homem das ciências, como pretendia o correspondente da guerra de Canudos, acaba por se utilizar de estratégias narrativas que estão presentes nos enredos mais simples. Em verdade, trata-se da habilidade de contar uma história, de selecionar e combinar episódios de modo a legar a outrem uma fração do vivido. Isso, entretanto, não implicaria no rompimento com os fatos, pré-requisito fundamental do texto histórico, mas devemos reconhecer que a estratégia autoral estabelece, em grande medida, o lugar que determinado evento ocupa dentro do universo narrado. Logo, deve-se reconhecer que Euclides da Cunha fez suas escolhas, selecionou e silenciou vozes, operou ângulos narrativos, cortes cênicos e ajustes cromáticos na descrição de personagens históricas. De modo que sua narrativa sincera, deve ser entendida como um princípio de ofício, não podendo ser aceita como uma verdade absoluta ou transcendente.

Nesse caso, tem-se na narrativa euclidiana um duplo, em que o plano histórico desliza em favor do enredo. Luiz Costa Lima denominou esse movimento como passagens-ornato d'*Os sertões* que, segundo o crítico literário, servem como moldura à temática central, construída por uma argumentação que intentava o estabelecimento de hipóteses e verdades científicas, mas que também, mesmo não intencionalmente, indicavam os limites da ciência (LIMA, 2000, p. 55).


As ficções do arquivo em “O pêndulo de Euclides”

Faz mais de cem anos..., e o governo nunca reconheceu o crime. Os senhores, donos das palavras e dos saberes da cidade grande, vêm aqui todo dia, sem parar. Vocês vêm aqui nos indagar as ideias, pra anotar os fatos e explicar nos livros. Mas, no fundo, me digam: o que é que vocês vêm fazer aqui?

[...]

Mesmo sem saber, vocês vêm aqui pra fazer as pazes com o sertão. Vocês vêm examinar com os próprios olhos e tomar pé da história. Vocês vêm pra ver e crer que aquela guerra foi mesmo um grande crime. A viagem até aqui é um pedido de desculpas (FONSECA, 2009, p. 204-205).

Em *O pêndulo de Euclides*, tem-se um acerto de contas ficcional entre o olhar científicista e as vozes populares. Para tanto, a narrativa faz do arquivo, sobre a guerra de Canudos, um ponto de encontro para o duelo. O acúmulo de informações sobre o evento




é o espaço de disputa acerca do tempo pretérito. Nesse jogo, o saber formal e institucional é confrontado pela experiência do viver local.

Aleilton Fonseca atravessa essa vereda, um tanto delicada, ao realizar uma abordagem plural capaz de problematizar os arquivos em seus vários formatos. O enredo reconhece o saber acadêmico, mas relativiza-o ao questioná-lo enquanto instância pacificadora das verdades de outrora; valoriza os espaços institucionais de memória, mas tenciona os seus limites, inclusive orçamentários; critica os acervos privados, ao tempo que reconhece que, na ausência de um ente público, coube aos indivíduos salvaguardar parcela de nossa história; descreve a resistência popular da memória, com suas fragilidades e desvios, mas, trata-a de modo respeitoso em suas potencialidades enquanto sonhos e utopias.

E mais, denuncia, para usarmos um termo caro a Euclides da Cunha, o aspecto predatório de representantes da academia que realizam pesquisas, escrevem livros, mas se mostram, de algum modo, indiferentes a realidade analisada. Assim, atestam a singularidade epistêmica do fato, mas desconhecem a complexidade do todo. Ignoram, no caso da temática em discussão, o fato de que a tragédia que transcorreu há mais de cem anos ainda reverbera sobre os sujeitos do tempo hodierno. A dor, peculiar ao sentimento do artista, apresenta-se, sobremaneira no texto de Aleilton Fonseca, pelo desenlace desse confronto entre ciência e saber popular. Oportunidade em que a personagem sertaneja diz da indignação frente à indiferença de um Estado incapaz de se desculpar pelo massacre proporcionado ao povo do sertão. Serve-lhe, entretanto, como uma forma de alento, a ideia de que os inúmeros trabalhos e pesquisas sobre o tema são, no fundo, uma forma de retratação. Por sinal, talvez esse tenha sido um dos elementos motivadores da escrita da obra-mestra euclidiana,

Cinco anos mais tarde, Euclides denunciou, em *Os sertões*, a campanha militar como crime e fez a confissão de culpa da omissão de suas reportagens, ao mencionar fatos sobre os quais antes silenciara: a degola dos prisioneiros e o comércio de mulheres e crianças. Criticou a hipótese de uma conspiração política, apoiada por grupos monárquicos e por países estrangeiros, que havia justificado o massacre (VENTURA, 2003, p. 175).

Sobre esse desejo de reparação, parece razoável considerarmos as lições, legadas à humanidade, decorrentes dos traumas das grandes guerras mundiais do último século. Paul Ricoeur (2007), a esse respeito, desenvolve o conceito historiográfico do dever de



memória. Tal categoria diz respeito ao dever ético, daqueles que narram a humanidade, para com o registro das tragédias, com o fito de lidar com tais memórias e, se possível, evitar episódios semelhantes.

Por sua vez, Jeanne Marie Gagnebin, nos fala da impossibilidade da linguagem assimilar o trauma em sua totalidade. Mas, a autora, destaca os discursos que enfatizam o apagamento dos vestígios, dos rastros existenciais e os que, em sentido oposto, recolhem das ruínas o material que a sociedade insiste em negar. Desse modo, “[...] o narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda” (GAGNEBIN, 2009, p. 54), enquanto o dever de memória passaria pela rememoração “daquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras” (GAGNEBIN, 2009, p. 55), num influxo do passado sobre o presente, em que a transformação deste depende em alguma medida da reflexão originária daquele.

Nesse contexto, encontra-se a ficção de Aleilton Fonseca sobre os eventos pretéritos do sertão baiano. O seu registro estético é um dever de memória. Isso, contudo, não se dá sem rasuras. Afinal, o enredo desloca-se da tradição narrativa euclidiana em favor de um movimento poético que supera o discurso acadêmico em favor de vozes populares.

Desse modo, tem-se a construção de uma narrativa que relativiza a objetividade histórica, valorizando a subjetividade do pensar e a memória enquanto fonte de saber. Tais características são elementos que favorecem a emergência do que Reinaldo Marques nomeia como ficções do arquivo:

Nessas ficções do arquivo encontramos elementos significativos relacionados ao tema mais geral do arquivo, particularmente às questões dos arquivos literários e artísticos, que são presentificados, às vezes metonimicamente, por meio de algumas figuras: a biblioteca, o museu, a coleção, o inventário, o catálogo, a lista, o álbum, a enciclopédia. Recorrem a essas figuras como elemento potencializador de suas histórias, fabulações. Em muitos casos, o personagem-narrador é um escritor imerso em seu arquivo, compulsando seus livros, papéis, documentos para a composição de uma obra (MARQUES, 2017, p. 4).

Em *O pêndulo de Euclides*, o narrador-professor, após o encontro em que é revelado o conhecimento presente na narrativa popular, recebe, de seu interlocutor, a autorização para escrever o livro que desejara no início da narrativa, mas sob advertência de fazê-lo mantendo a versão dessa voz sertaneja: “escreva o meu justo falado!” (FONSECA, 2009, p. 205).

Considerações finais

A temática de Canudos, inicialmente delineada pela pena euclidiana, tem sido retomada numa complexa narrativa contemporânea. Exemplo disso, trata-se do romance de Aleiton Fonseca, *O pêndulo de Euclides* (2009), em que se verifica uma revisão, a partir de uma busca documental que se revela sentimental, da narrativa de Euclides da Cunha. Trata-se de uma produção aberta às marcas autobiográficas, ao processo de composição autoral, à mescla de ficção e realidade, às experiências multiculturais, mas, sobretudo, à fruição de memórias ficcionais.

Desse modo, a literatura mantém a memória do massacre, reescrevendo outras perspectivas do texto clássico, atribuindo-lhe novos significados, reestruturando imagens, recuperando possibilidades não concretizadas, mas certamente desejadas, ansiadas e pugnadas por camponeses que resistiram até o limite extremo em defesa de seu lugar no mundo, o Belo Monte. Não por acaso, quando consideramos a história da América Latina, percebemos o quanto a violência mostrou-se eficaz no sentido de espoliar os povos, subtraindo-lhe o acesso à terra. Afinal, nossa experiência colonial se fez nestes termos.

Por fim, de algum modo, deve-se reconhecer que a literatura contemporânea, com sua dicção, nos diz sobre a crise das narrativas totalizantes da história. Afinal, ao possibilitar, a seu modo, o surgimento de versões mais amplas sobre o viver, a ficção, especialmente a memorialística, questiona a tradição monumental do arquivo, abrindo espaço para que as contradições dos enredos, inclusive históricos, não necessitem mais ser aplainadas, como no passado dos enredos estabilizadores e lineares. Logo, nesse cenário, o conflito e as divergências assumem um lugar público, aberto aos enfrentamentos, como numa arena, possibilitando o restabelecimento de batalhas como aquelas que trilham o arquivo de uma obra como *Os sertões*.

Referências bibliográficas

BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

CALASANS, José. *Quase biografia de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro*. Salvador: EDUFBA (Centro de Estudos Baianos, vol. 122), 1986.

CERTEAU, Michael de. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011. p. 45-114.

CODEBÒ, Marco. *Narrating from the Archive: Novels, Records, and Bureaucrats in the Modern Age*. Madison, Teaneck: Farleigh Dickinson University Press, 2010.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. [Edição crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão]. São Paulo: Ubu, 2016.

FONSECA, Aleilton. *O pêndulo de Euclides*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: _____. *Lembrar escrever esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 49-58.

HUTCHEON, Linda. Metaficção historiográfica: “o passatempo do tempo passado”. In: _____. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 141-162.

LADDAGA, Reinaldo. Redes e culturas das artes. In: _____. *Estética da emergência: a formação de outra cultura das artes*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Martins Editora, 2012. p. 27-48.

LIMA, Luiz Costa. *Euclides da Cunha: contrastes e confrontos do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto: Petrobrás, 2000.

MARQUES, Reinaldo. *Memória literária arquivada*. In: _____. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. p. 151-171.

MARQUES, Reinaldo. *Ficções do arquivo: o literário e o contemporâneo*. [mimeo] Belo Horizonte: UFMG/CNPq, 2017.

RICOUER, Paul. A inquietante estranheza da história. In: _____. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007. p. 404-421.

VENTURA, Roberto; CARVALHO, Mario Cesar; SANTANA, José Carlos Barreto de. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.